

## XXVIII

## O BOM LADRÃO

Alguns dias antes da prisão do Mestre, os discípulos, nas suas discussões naturais, comentavam o problema da fé, com o desejo desordenado de quantos se atiram aos assuntos graves da vida, tentando apressadamente forçar uma solução.

— Como será essa virtude? de que modo conserva-la-emos intacta no coração? — inquiria Levi, com atormentado pensamento. — Tenho a convicção de que somente o homem culto pode conhecer toda a extensão de seus benefícios.

— Não tanto assim — aventava Tiago, seu irmão — acredito que basta a nossa vontade, para que a confiança em Deus esteja viva em nós.

— Mas, a fé será virtude para os que apenas desejam? — perguntava um dos filhos de Zebdeu.

A um canto, como distante daqueles duelos da palavra, Jesus parecia meditar. Em dado instante, solicitado ao esclarecimento, respondeu com suavidade:

— A fé pertence, sobretudo, aos que trabalham e confiam. Te-la no coração é estar sempre pronto para Deus. Não importam a saúde ou a enfermidade do corpo, não têm significação os infortúnios ou os sucessos felizes da vida material. A alma fiel trabalha confiante nos designios do

Pai, que pode dar os bens, retira-los e restitui-los, em tempo oportuno, e caminha sempre com serenidade e amor, por todas as sendas pelas quais a mão generosa do Senhor a queira conduzir.

— Mas, Mestre — redarguiu Levi, em respeitosa atitude — como discernir a vontade de Deus, naquilo que nos acontece? Tenho observado grande numero de criaturas criminosas que atribuem à Providencia os seus feitos delituosos e uma legião de pessoas inertes que classificam a preguiça como fatalidade divina.

— A vontade de Deus, além da que conhecemos através de sua lei e de seus profetas, através do conselho sabio e das inclinações naturais para o bem, é tambem a que se manifesta, a cada instante da vida, misturando a alegria com as amarguras, concedendo a docura ou retirando-a, para que a criatura possa colher a experiência luminosa no caminho mais espinhoso. Ter fé, portanto, é ser fiel a essa vontade, em todas as circunstâncias, executando o bem que ela nos determina e seguindo-lhe o roteiro sagrado, nas menores sinuosidades da estrada que nos compete percorrer.

— Entretanto — observou Tomé — creio que essa qualidade excepcional deve ser atributo do espírito mais cultivado, porque o homem ignorante não poderá cogitar da aquisição de semelhante patrimônio.

O Mestre fitou o apóstolo com amor e esclareceu:

— Todo homem de fé será, agora ou mais tarde, o irmão dileto da sabedoria e do sentimento; porém, essa qualidade será sempre a do filho leal ao Pai que está nos céus.

O discípulo sorriu e obtemperou:

— Todavia, quem possuirá no mundo lealdade perfeita como essa?

— Ninguem pode julgar em absoluto — disse o Cristo com bondade — a não ser o critério definitivo de Deus; mas, se essa conquista da alma

não é comum ás criaturas de conhecimento parco ou de posição vulgar, é bem possível que a encontremos no peito exhausto dos mais infelizes ou desclassificados do mundo.

O apostolo sorriu desapontado, no seu ceticismo de homem prático. Dentro em pouco, a pequena comunidade se dispersava, á aproximação do manto escuro da noite.

\*

Na hora sombria da cruz, disfarçado com vestes diferentes, Tomé acompanhou, passo a passo, o corajoso Messias.

Estranhas reflexões surgiam-lhe no espirito. Sua razão de homem do mundo não lhe proporcionava elementos para a compreensão da verdade toda. Onde estava aquele Deus amoroso e bom, sobre quem repousavam as suas esperanças? Seu amor possuiria apenas uma cruz para oferecer ao filho dileto? Por que motivo não se rasgavam os horizontes, para que as legiões dos anjos salvassem do crime da multidão inconsciente e furiosa o Mestre amado? Que providencia era aquela que se não manifestava no momento oportuno? Durante tres anos consecutivos haviam acreditado que Deus guardava todo o poder sobre o mundo; não conseguia, pois, explicar como tolerava aquele espetáculo sangrento de ser o seu enviado, amorável e carinhoso, conduzido para o madeiro infamante, sob improperios e pedradas. O premio do Cristo era então aquele monte da desolação, reservado aos criminosos?

Ansioso, o discípulo contemplou aquelas mãos, que haviam semeado o bem e o amor, agora agarradas á cruz, como duas flores ensanguentadas. A fronte aureolada de espinhos era uma nota

ironica, na sua figura sublime e respeitável. Seu peito tremia, ofegante, seus ombros deveriam estar pisados e doloridos. Valera a pena haver distribuido, entre os homens, tantas graças do céu? O malfeitor que assaltava o proximo era, agora, a seu ver, o dono de mais duradouras compensações.

Tomé se sentia como que afogado. Desejou encontrar algum dos companheiros para trocar impressões; entretanto, não viu um só deles. Procurou observar se os beneficiados pelo Messias lhe assistiam ao martirio humilhante, na hora final, lembrado de que ainda na vespera se mostravam tão reconhecidos e felizes com sua presença santa. A ninguem encontrou. Aqueles leprosos que haviam recuperado o dom precioso da saude, os cegos que conseguiram rever o quadro caricioso da vida, os aleijados que haviam cantado hosanas á cura de seus corpos defeituosos, estavam agora ausentes, fugiam ao testemunho. Valera a pena praticar o bem? O apostolo, mergulhado em dolorosos e sombrios pensamentos, se deixava absorver em estranhas interrogações.

Reparou que em torno da cruz estrugiam gargalhadas e ironias. O Mestre, contudo, guardava no semblante uma serenidade inexcedivel. De vez em quando, seu olhar se alongava por sobre a multidão, como querendo descobrir um rosto amigo.

Sob as vociferações da turba amotinada, a Tomé parecia-lhe escutar ainda o ruido inolvidável dos cravos do suplicio. Enquanto as lanças e os vituperios se cruzavam nos ares, fixou os dois malfeitores que a justiça do mundo havia condenado á pena ultima. Aproximou-se da cruz e notou que o Messias punha nele os olhos amorosos, como nos tempos mais tranquilos. Viu que um suor empastado de sangue lhe corria do rosto veneravel, misturando-se com o vermelho das chagas vivas e dolorosas. Com aquele olhar inesquecivel, Jesus lhe mostrou as ulceras abertas, como o sinal do sacrificio. O discípulo experimentou penosa emo-

ção a lhe dominar a alma sensível. Olhos nevoados de pranto, recordou os dias radiosos do Tiberiades.

As cenas mais singelas do apostolo ressurgiam ante a sua imaginação. Subitamente, lembrou-se da tarde em que haviam comentado o problema da fé, parecendo-lhe ouvir ainda as elucidações do Mestre, com respeito á perfeita lealdade a Deus. Reflexões instantaneas lhe empolgaram o coração. Quem teria sido mais fiel ao Pai do que Jesus? Entretanto, a sua recompensa era a cruz do martirio! Absorto em singulares pensamentos, o apostolo observou que o Messias lançava agora os olhos enternecidos sobre um dos ladrões que o fixava afetuosamente.

Nesse instante, percebeu que a voz debil do celerado se elevava para o Mestre, em tom de profunda sinceridade:

— Senhor! — disse ele, ofegante — lembra-te de mim, quando entrares no teu Reino!...

O discípulo reparou que Jesus lhe endereçava, então, o olhar caricioso, ao mesmo tempo que aos seus ouvidos chegavam os écos de sua palavra suave e esclarecedora:

— Vês, Tomé? Quando todos os homens da lei não me compreenderam e quando os meus proprios discípulos me abandonaram, eis que encontro a confiança leal no peito de um ladrão!...

\*

Inquieto, o discípulo meditou a lição recebida e, horas a fio, contemplou o espetáculo penoso, até ao momento em que o Mestre foi retirado da cruz da derradeira agonia. Começava, então, a compreender a essencia profunda de seus ensinos imortais.

Como se o seu espirito fôra transportado ao

cume de alto monte, pareceu-lhe observar daí a pesada marcha humana. Viu conspicuos homens da lei, sobracaçando os livros divinos; doutores enfatuados de orgulho passavam erectos, exibindo os mais complicados raciocínios. Homens de convicções sólidas integravam o quadro, entremostrando a fisionomia satisfeita. Mulheres vaidosas ou fanaticas lá iam, igualmente, revelando seus títulos diletos. Em seguida, vinham os diretamente beneficiados pelo Mestre Divino. Era a legião dos que se haviam levantado da miseria fisica e das ruinas morais. Eram os leprosos de Jerusalém, os cegos de Cafarnaum, os doentes de Sidon, os seguidores aparentemente mais sinceros, ao lado dos proprios discípulos que desfilavam envergonhados e se dispersavam, indecisos, na hora extrema.

Possuido de viva emoção, Tomé se poz a chorar intimamente. Foi então que presumiu escutar uns passos delicados e quasi imperceptiveis. Sem poder explicar o que se dava, julgou divisar, a seu lado, a inolvidável figura do Mestre, que lhe colocou as mãos leves e amigas sobre a fronte atormentada, repetindo-lhe ao coração as palavras que lhe havia endereçado da cruz:

— Vês, Tomé? Quando todos os homens da lei não me compreenderam e os proprios discípulos me abandonaram, eis que encontro a confiança leal no peito de um ladrão!...